



1.º de maio de 1974 na Madeira

ABM
DIREÇÃO REGIONAL DO ARQUIVO
E BIBLIOTECA DA MADEIRA

A revolução do 25 de abril de 1974, iniciada em Portugal Continental, teve uma espécie de desfecho, na Madeira, no 1.º de maio, dia em que saiu para as ruas do Funchal uma manifestação de consideráveis dimensões.

Os protestantes envergavam faixas com slogans, ousados, contra a permanência de Marcelo Caetano, Américo Tomás e os ex-Ministros da Defesa e do Interior, em exílio, no palácio de São Lourenço desde o dia 26 de abril.

1.º de maio de 1974 na Madeira



Concentração no Palácio de São Lourenço



São visíveis os slogans: “Marcelo, Tomás e Cª fora da Madeira/ “Não somos caixote de lixo”/ Primavera volta sempre, Fascismo nunca mais”.

A iniciativa do protesto terá sido liderada pelo diretor interino do semanário **Comércio do Funchal** (editado às quartas-feiras, em papel cor de rosa).

Neste mesmo dia, o jornal editou partes do resultado de um inquérito, feito às operadoras da empresa Eletrónica (Funchal), que foram suprimidas pela censura.

Os parágrafos proibidos revelavam as verdadeiras condições de trabalho e as queixas das trabalhadoras.

Inquérito: operárias da Electrónica

Quanto ganham e em que condições se processa o seu trabalho, é o tema dum inquérito realizado pelo CF junto das operárias da «Electrónica». É o resultado desse inquérito que procuramos transmitir aos nossos leitores.

1 ● Podemos começar pelo salário.

— O nosso salário é baixo. Aqui na Madeira eles pagam pouco. No estrangeiro as raparigas que trabalham na electrónica ganham bem... Muito mais do que nós.

— O ordenado mais alto é (sem ser chefe) 7325 (à hora) — são as inspectoras, e tiveram um aumento de 5 tostões (por hora) em Janeiro. E as outras que estão abaixo ganhavam 6375, passaram para 7325... Tem ainda outros preços: 6125, 5370, 5320 e 4870.

— Trabalhamos 9 horas. Mas uma hora é por causa do sábado, para ficarmos livres mais cedo. Ao fim e ao cabo não temos fim-de-semana. O domingo não se ganha, os feriados sim.

— Há casos de operárias que entram na mesma altura... Umás são aumentadas, outras não.

● Quanto gasta em deslocações?

— São sete escudos por dia.

● Quanto tempo demora?

— Uns 25 minutos p'ra cá, e outros 25 p'ra lá. Ao todo dá perto de uma hora.

● O salário é suficiente? Dá para a vida?

— Não dá, porque as coisas estão sempre a aumentar e eles nunca aumentam o nosso ordenado... Se eles aumentassem os nossos ordenados, dava mais ou menos. Mas eles aumentam as coisas, e nunca aumentam os nossos ordenados.

● Costumam fazer horas extraordinárias?

— Sim, costumamos fazer das 6 às 8.

● Como são pagas?

— Por exemplo, se uma operária ganha 6650 e fizer 2 horas extraordinárias, recebe mais 1500 ou talvez 2000...

● E férias, têm férias?

— Sim elas costumam dar 12 dias de férias. Agora subsídio de férias, não. Só as que estão há mais de 3 anos recebem uma semana de subsídio.

— As férias são tiradas em Agosto.

● Acha que o vosso trabalho é cansativo? Em que aspectos causa mais?

— A vista. Cansa muito a vista. Há casos de operárias que quando foram para lá não tinham falta de vista, e que depois tiveram de usar óculos. E que, aquilo puxa muito pela vista.

● A fábrica não tem médico?

— Não. E se for p'ra irmos ao médico eles descontam.

● Têm refeitório?

— Sim, e tanto se pode comer lá — a sopa — ou levar de casa e servir-se do refeitório, que é a mesma coisa. Mesmo, o comer de lá não é muito bom. Agora dizem que vai melhorar.

— Paga-se pela refeição 1350. Mas é só um prato — sopa. Só sopa. Traz-se depois qualquer coisa de casa: pão ou fruta... Há muitas delas que comem só daquilo.

● Quanto tempo têm para almoçar?

— Almoçamos de uma às duas. As quatro lanchamos.

● Conhecem os patrões?

— Sim. É o Adam Blandy, filho do Blandy. É dele e da

irmã. O director geral é inglês; este senhor é que manda tudo, quero dizer, a electrónica toda é mandada por um senhor inglês.

Tem também homens a trabalhar, mas como encarregados e como técnicos.

● Sabem o trabalho que realizam a que se destinam?

— Destina-se a comboios, rádios, aviões...

— Isto é uma sucursal de Inglaterra. O material vem de lá e aqui é marcado, colado, envernizado, cozido, verificado, e, depois, muito bem embrulhado e vai outra vez para lá.

— Há uma outra coisa que eu acho muito mal feita. É não haver batas para todas. Deviam dar mais batas... As operárias desterram muitas roupas no trabalho porque não há batas. Não vê, aquilo trabalha-se com vernizes, colas, acetonas e desterra-se muita roupa.

● Entre as colegas costumam falar de problemas de trabalho?

— Sim, um pouco. Sobre tudo no que não achamos direito.

● Já alguma vez foram ao sindicato?

— Não, eu nunca fui ao sindicato. Nós pertencíamos ao sindicato dos metalúrgicos e é preciso ver que esse sindicato exigia que ganhassemos 70000 por dia para as que já sabessem trabalhar; ora, nessa altura, eles mudaram-nos então para o sindicato dos electricistas onde o salário era mais baixo. Podemos ver que o sindicato dos electricistas é muito pior do que o outro sindicato e se não fosse pior eles não mudavam. Mudaram para os electricistas para relaxar, para que se ganhasse muito menos.

● Há quanto tempo abriu a fábrica?

— A parte nova abriu há quatro anos. A outra já há 14 anos.

● Quantas operárias tem a fábrica?

— No conjunto há perto de seiscentas operárias e são quase todas entre os 18 e os 30 anos. Pode ter uma ou duas com mais de 30 ou menos de 18...

E. N. M. L. da PARA LISBOA (via Porto Santo) MADEIRENSE 12 de Abril EMPRESA DE NAVEGAÇÃO MADEIRENSE, LDA. Rua do Prata, 45 Telefone 50195 e 50196

FOTOGRAFIAS A CORES AGORA PELO SISTEMA ELECTRONICO nos LABORATORIOS EXECUÇÃO RAPIDA CASA LONDRINA

CF — Abril 4, 1974

página 20



DIREÇÃO REGIONAL DO ARQUIVO E BIBLIOTECA DA MADEIRA

CF de 04-04-1974, pág. 20

1. Podemos começar pelo salário. O nosso salário é baixo. Aqui na Madeira eles pagam pouco. No estrangeiro as raparigas que trabalham na electrónica ganham bem... Muito mais do que nós.

2. Costumam fazer horas extraordinárias? Sim. Costumamos fazer das 6 às 8.



CF de 01-05-1974, pág. 12



5. Costumam pedir aumentos de salário?

- Mas quem é que pede aumentos?... Eles não admitem... Se se for falar em aumentos são capazes de nos despedirem e ainda gozam!

• Então, nesse caso, a casa de banho funciona também como local de encontro?

- É verdade. Até porque uma rapariga estando mal disposta, querendo beber chá, não pode beber no balcão, não pode beber nos sanitários ou no refeitório. Tem que ir aos sanitários

NO PRÓXIMO NÚMERO:

— continuação deste dossier sobre a censura fascista

— revelação sobre o caso do presidente da câmara da calheta.

Saudamos
A MANIFESTAÇÃO
ANTI - FASCISTA
do 1.º de Maio

falar de problemas de trabalho?

— Sim, um pouco. Sobretudo no que não achamos direito.

• Costumam pedir aumentos no salário?

— Mas quem é que pede aumentos?... Eles não admitem... se se for falar em aumentos são capazes de nos despedirem e ainda gozam!

• Mas nunca sequer se dirigiram em grupo ao chefe?

— Ah, não. Sosinha deve ir alguma, mas acompanhadas não, porque aquilo lá se forma, porque aqui há se formam, acompanhadas a colega pode desobrir. Não temos confiança umas nas outras. Nem eu tenho confiança nas outras nem elas tem confiança em mim.

— Eu acho que dava muito mais resultado sermos unidas e que não há razão para desconfiarmos umas das outras; mas o mal é que não podemos falar umas com as outras e assim ficamos mais divididas.

— Quando queremos falar a verdade só no intervalo ou na casa de banho.

• Então, nesse caso, a casa de banho funciona também como local de encontro?

— É verdade. Até porque uma rapariga estando mal disposta, querendo beber chá, não pode beber no balcão, não pode beber nos sanitários ou no refeitório.

• Já alguma vez foram ao sindicato?

— Não, eu nunca fui ao sindicato; mas, segundo o que têm dito parece que é difícil.

← -Penso que ganharam muito...-

• Costumam ser exigentes para convosco?

— Se nos vierem a falar castigam-nos. Mandam três dias para casa de castigo.

— E, quando queremos ir à casa de banho podemos ir, mas não podemos demorar mais do que 5 minutos. Eles brigam que é minutos... É claro que se a gente rulliar eles nos mandam para casa.

• Sabem os livros que a empresa leva durante o ano passado?

— Não, não sabemos. Eles não dizem; mas penso que ganharam muito, até de mais...

5 • Falam de inspetoras... Qual é a função das mesmas?

— Ganha mais do que as outras operárias mas não é porque trabalha mais (ela apresenta muita produção mas é se as da montagem fizeram). A que trabalha mais e a mais-mais trabalha muito uma rapariga, se obrigada a fazer 100 riza, e é uma coisa que por hora, e é uma coisa que cansa bastante. Muito, mesmo muito.

• Mas não obrigadas mesmo a fazer 100?

— Quero dizer, é conforme a qualidade. E conforme o tipo de trabalho. Se for bom já se sabe que tem de dar 100 ou mais, se for mais terrível eles já não obrigam mas podem fazer o possível.

• Dava muito mais resultado sermos unidas?

6 • Entre as colegas costumam